

## RUA CHILE, CORAÇÃO DA CIDADE<sup>1</sup>

Daniela Souza Torres<sup>2</sup>

Salvador foi o segundo maior centro urbano no século XIX. Possuía uma economia agromercantil, voltada para o mercado internacional. No período entre 1890 e 1902 esta cidade se destacou entre as maiores capitais brasileiras, atraindo milhares de imigrantes, dentre eles, portugueses e espanhóis. Com este crescimento demográfico, a cidade se deparou com problemas habitacionais e de higiene (BORGES, 1993, p. 58). Mário Augusto afirma que nesses “[...] dez primeiros anos republicanos, só ingressaram na Bahia, aproximadamente, 3000 imigrantes, dentre os quais predominavam portugueses e espanhóis, que ficaram na capital e em cidades vizinhas” (SANTOS, 2001, p. 14). A sociedade soteropolitana, conforme dados do censo de 1872, estava em torno de 174.412 habitantes em 1890, e, em 1920, já alcançava o total de 283.412 habitantes. Registrando um crescimento de aproximadamente 62,50%, este aumento populacional gerava a necessidade de uma reestruturação espacial.

Idealizava-se uma cidade regular, higiênica, funcional, fluida, homogenia, equilibrada, sincrônica e gerida cientificamente. Havia uma preocupação com a estética, com uma nova imagem de uma nova nação que se constituía. Era necessário regularizar o uso dos espaços públicos, eliminar ‘tudo que faz mal aos olhos’, introduzir novos elementos de decoração, etc. Idealizava-se uma cidade branca e europeizada, mas a dificuldade estava em ser Salvador uma cidade que em 1890 aproximadamente 75% de sua população era de negros e mestiços. O ideal de cidade branca materializava-se nos bairros burgueses que se formavam” (FERNANDES e GOMES, [1991], p. 100).

As ruas de Salvador foram atingidas pelo processo de modernização, a estrutura urbana foi modificada para se adequar aos ditos padrões, foram construídos cais e armazéns, no período em que se iniciaram as obras no porto (1906); e, ainda, as ruas vizinhas ao porto foram pavimentadas. Entre 1912 e 1916, as ruas foram alargadas para que fosse facilitada a passagem do bonde, avenidas foram abertas e novos edifícios foram construídos.

A cidade começa a ser “organizada”, e as residências começam a se afastar dos centros comerciais. Aumentou o uso de habitação nas “lojas”<sup>3</sup>, porões e cortiços, moradias pequenas e precárias, com péssimas instalações sanitárias, subdivididas, para arcar com os aluguéis. Essa estratégia aumentava a insalubridade dos ambientes. Entre os anos de 1890 à 1900, enquanto a população do resto do Estado cresceu 9,55%, a população de Salvador já alcançava um crescimento de 18%.

Com a cidade passando por um processo de “reordenamento”, os comerciantes deixam de residir maciçamente no mesmo local de trabalho, causando uma diminuição no número de imóveis residenciais, e gerando um aumento de casas comerciais nas ruas da Freguesia da Sé. A Sé, no seu vigésimo quarteirão, corresponde à rua Direita do Palácio, atual rua Chile, que se transformava como espaço caracterizado pela presença de casas de comércio: “Podemos aventar a hipótese de que as ruas circunvizinhas da Direita do Palácio estavam, por sua vez, sendo ocupadas pelos comerciantes e escritórios de profissionais liberais, o que, aliás, era encontrado no mesmo local, com esses habitantes, na alvorada do século XX” (NASCIMENTO, 1986, p. 71).

---

<sup>1</sup> Trabalho de monografia de conclusão de curso desenvolvido sob a orientação do Professor Afonso Bandeira Florence, do Departamento de História, e Coordenador do Laboratório de Conservação e Restauro Reitor Eugênio Veiga, da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em História da Universidade Católica do Salvador – UCSal e estagiária do Laboratório de Conservação e Restauro Reitor Eugênio Veiga.

<sup>3</sup> “Loja” era o espaço existente no andar térreo de um sobrado, aberto para a rua, sendo uma forma de moradia popular.

Enfim, as transformações sociais ocorridas na Freguesia da Sé, entre 1890 e 1920, parecem ser fruto do processo modernizador pelo qual passou a cidade durante o período – que teve como um dos principais alvos a reorganização da estrutura urbana das ruas do centro de Salvador, entre elas, a rua Chile, que se tornou sua principal veia comercial e social.

Rua estreita, que ligava as duas portas da cidade, foi batizada de rua dos Mercadores, mas também já foi conhecida como rua Direita das Portas de Santa Luzia, pois um de seus limites ficava na atual praça Castro Alves, onde se localizavam as portas da cidade, e lá existia uma ermida de invocação a Santa Luzia. Após a fundação do Mosteiro de São Bento, a ermida desaparece, e a rua passa a denominar-se rua das Portas de São Bento. Mais tarde, após a construção da Casa dos Governadores da rua Direita do Palácio, em 1902, recebe a atual denominação.

A Rua Direita do Palácio mesclava residências e estabelecimentos comerciais. Em 16 de julho de 1902, através da lei nº 577, tem o seu nome substituído, na tentativa de estreitar cada vez mais as relações do Brasil com o Chile – país com o qual se mantinham fortes relações comerciais e diplomáticas. Após a visita dos marujos chilenos, a cidade se prepara para o “batizado” da rua:

Amanheceu hontem profusamente ornamentada a rua a que o Conselho Municipal, a pedido da mocidade das nossas escolas superiores, deu o nome de Chile. Todas as lojas, estabelecimentos, edifícios de sociedades e casas particulares desta rua ostentam as suas fachadas completamente enfeitadas. Inumeras bandeiras e galhardetes atravessam, de lado a lado a antiga rua Direita do Palácio (DIÁRIO DA BAHIA, 1902).

Apesar das inúmeras comemorações, suas moradias foram praticamente extintas, e a rua passou a ter um caráter comercial, dentro dos ditos “ideais modernizadores”. A rua dos mercadores, que era uma das mais velhas do núcleo primitivo da cidade de Tomé de Souza, após essas transformações passou a ser cenário de ilustres acontecimentos. Atraía políticos, intelectuais, boêmios e casais de namorados que se encontravam nos fins de tarde:

Ali [estavam] os ricos sem que fazer, os desocupados, os literatos, os aventureiros, os turistas, gente que sobe e desce a rua, ali as mulheres mostram seus novos vestidos, exibem as bolsas caras, em passeio diário. Há quem não possa deixar de ir à rua Chile todos os dias. Há mesmo quem viva em função da hora ou da hora e meia em que passeia pela rua atravancada (AMADO, 1986, p. 77).

A rua Chile tornou-se a vitrine da cidade, ambiente de muita elegância, freqüentada pelas classes média e alta. Local de lazer, aonde as pessoas iam para apreciar vitrines, tomar café, ou até mesmo, “paquerar”. A rua era tão movimentada, que à noite as lojas deixavam as vitrines acesas, para que todos pudessem passear e apreciá-las. No horário do expediente as lojas, além dos produtos que comercializavam, possuíam ainda o serviço de café. A rua caracterizava-se, também, como local de desfile, onde homens e mulheres exibiam suas vestimentas elegantes. Há quem diga que os homens passavam a tarde inteira na frente da sorveteria “Cubana” esperando o vento levantar as saias das moças.

Com um caráter comercial, a rua passa a ser o local da conversa, de negócios, de namoros, de brilho e de exibição. Ali se estabelece o comércio mais elegante. As grandes casas de tecidos (“fazendas”), sapatos, roupas de homem e de mulher. Lá pelas cinco horas da tarde a rua ficava repleta de comerciantes, advogados, médicos, políticos, quando bancos fecham as portas, vêm para os passeios onde desfilam as formosas, ali permanecem na falta do que fazer (Idem, op. cit., p. 77-78).

A pequena rua Chile, com apenas 255 metros, vai da praça Castro Alves à praça Municipal. Nela se encontra toda a gente importante da cidade. Todos cruzam a Rua Chile, que, apesar de tantas transformações, se tornou coração da cidade.

## REFERÊNCIA

AMADO, Jorge, **Bahia de todos os santos**: guia de ruas e mistérios, 34ª Edição, Rio de Janeiro, Record, 1986.

BORGES, Ângela, “**Sobre o atraso do processo de urbanização na Bahia**”, *Análise e Dados* (1993), p.58.

DIÁRIO DA BAHIA, 19 de julho de 1902.

FERNANDES, A. e GOMES, M. A. de F, “Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna: 1850-1920”, *Espaços e Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos*, nº 34 (1991), p. 100.

NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira, **Dez Freguesias da Cidade do Salvador**: aspectos sociais e urbanos do século XIX, Salvador: FCEBA/EGBA, 1986.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **A República do povo**: Sobrevivência e tensões; Salvador, (1890-1930), Salvador, EDUFBA, 2001.